

MORFOLOGIA vs. SEMÂNTICA
ou
INTRANSITIVIDADE CINDIDA EM TIRIYÓ (KARÍB)

Sérgio Meira

KNAW / Rijksuniversiteit Leiden
Museu Paraense Emílio Goeldi

1. INTRODUÇÃO.

Sistemas de marcação de caso nos quais os sujeitos de alguns verbos intransitivos se assemelham aos sujeitos dos verbos transitivos, enquanto que os sujeitos de outros verbos intransitivos são tratados de modo semelhante aos objetos dos verbos transitivos têm atraído bastante atenção na literatura (Mithun 1991, Dixon 1979, 1994, Merlan 1985, Kibrik 1985, Van Valin 1990, Klimov 1974, etc.). Tais sistemas receberam muitas designações, entre as quais (Mithun 1991:511) ativo-neutro, nativo-inativo, ativo-estático, ativo-estativo, estativo-ativo, agentivo, ativo, agentivo ou agente-paciente, S-cindido (*split-S*; Dixon 1979) e intransitivo cindido (Merlan 1985, Van Valin 1990). Tamanha quantidade de denominações já sugere quão controversos são sistemas deste tipo: alguns autores os consideram como um tipo de sistema ergativo (Dixon 1979, 1994), outros os vêem como uma categoria à parte (Mithun 1991:542; Givón 1984: 149-150). Burzio (1981) e Rosen (1984) postulam análises inteiramente sintáticas; DeLancey (1981), Van Valin (1990) e Mithun (1991) sugerem princípios semânticos; Merlan (1985) se declara mais ou menos agnóstica.

O objetivo principal do presente trabalho é contribuir para este debate com a descrição das características do sistema de intransitividade cindida existente na língua Tiriyo.¹ Características semelhantes existem em outras línguas da família (cf. Meira 2000 para uma visão comparativa).

2. INTRANSITIVIDADE CINDIDA: PARÂMETROS GRAMATICAIS

Há quatro parâmetros gramaticais relevantes para a identificação de duas classes de verbos intransitivos. Com respeito a cada um desses parâmetros, pode-se argumentar que, em uma das duas classes de verbos intransitivos, S e A são tratados de modo semelhante, enquanto que, na outra classe, S e O têm comportamento semelhante. Os termos “S_A” e “ativo” serão usados para os membros da primeira classe (S=A), e “S_O” ou “estativo” para os membros da segunda classe. Por enquanto, esses termos serão utilizados como nomes convenientes para as classes e seus membros, sem implicações semânticas.

2.1. *Marcação de Pessoa.*

Em Tiriyo, verbos finitos tomam prefixos que marcam A ou O, referindo-se a quatro pessoas: primeira (1), segunda (2), terceira (3), e primeira dual inclusiva (1+2). A distribuição dos prefixos obedece a uma hierarquia que privilegia não-terceiras pessoas (1, 2, 1+2): quando um participante (A ou O) é uma não-terceira pessoa, esta é marcada no verbo (com um prefixo da série A, se o participante for A, ou da série O, se o participante for O). Se ambos

¹ Tiriyo (chamada [tarə:no] por seus falantes) é uma língua da família Karíb, falada por cerca de 2.000 pessoas de ambos os lados da fronteira entre o Brasil e o Suriname. Note-se o uso dos termos A, O e S, propostos por Dixon (1979), para os argumentos de verbos transitivos (A e O) e intransitivos (S).

*ATAS DO II ENCONTRO NACIONAL DO
GRUPO DE ESTUDOS DE LINGUAGEM
DO CENTRO-OESTE:
INTEGRAÇÃO LINGÜÍSTICA, ÉTNICA E SOCIAL*

*Denize Elena Garcia da Silva
(Organizadora)*

Brasília

2004

Componentes da Diretoria do Grupo de Estudos de Linguagem do Centro-Oeste
GELCO

Presidente

Denize Elena Garcia da Silva (UnB)

Vice-Presidente

Maria Zaira Turchi (UFG)

Primeira Secretária

Gláucia Muniz Proença Lara (UFMS)

Segunda Secretária

Hilda Orquídea Hartman Lontra (UnB)

Primeiro Tesoureiro

Manoel Mourivaldo de Almeida (UFMT)

Segunda Tesoureira

Maria Raquel Galán (ULBRA/TO)

E56	<p>Encontro nacional do grupo de estudos de linguagem do Centro-Oeste: integração linguística, étnica e social (2. 2003 : Goiânia)</p> <p>Atas do II encontro nacional do grupo de estudos de linguagem do Centro-Oeste: integração linguística, étnica e social / Denize Elena Garcia da Silva / (organizadora). — Brasília : Oficina Editorial do Instituto de Letras da UnB, 2004. 3v.</p> <p>1. Linguística-Centro-Oeste. 2. Linguística-conferência. 3. Linguística aplicada. 4. Literatura. I. Silva, Denize Elena Garcia da. II. Título.</p> <p>CDU 801(817)(061.3)</p>
-----	--

Endereço para correspondência:

Grupo de Estudos de Linguagem do Centro-Oeste – **GELCO**

UnB – IL – LIV

Campus Universitário Darcy Ribeiro – ICC Norte, subsolo, módulo 20

CEP 70910-900 – Brasília – DF

os participantes são terceiras pessoas, ocorre um prefixo especial, **n(i)-**. Se nenhum dos participantes é uma terceira pessoa, um prefixo especial (**k-**) é usado.¹ Os prefixos da série O são também usados para indicar argumentos de posposições e possuidores de substantivos possuídos.

Tabela 1.
Prefixos de pessoa em verbos transitivos, substantivos possuídos e posposições.

PESSOA	A	O	Subst. / Posp.
1	w(i)- / w(í)-	j(i)-	j(i)-
2	m(i)- / m(í)-	ə- / a- / o-	ə- / a- / o-
1+2	kít- / k(í)-	kí- / k(e>ə)-	kí- / k(e>ə)-
			3
			i- / Ø-

n(i)- / n(í)- ‘A e O = 3a. pessoa’
kí- / k(e>ə)- ‘A e O = não-3a. pessoa’

(1)	eta ‘ouvir’ (transitivo)	ewa ‘corda’ (substantivo)
	w-eta ‘eu o ouvi’	j-ewa ‘minha corda’
	m-eta ‘você o ouviu’	ə-ewa ‘sua corda’
	k-eeta ‘nós (1+2) o ouvimos’	k-əwa ‘nossa corda (1+2)’
		ewa ‘corda dele’
	j-eta ‘ele/a me ouviu’	pə ‘sobre’ (posposição)
	ə-eta ‘ele/a te ouviu’	
	k-əta ‘ele/a nos (1+2) ouviu’	
		ji-pə ‘sobre mim’
	n-eta ‘ele/a o ouviu’	ə-pə ‘sobre você’
	k-əta ‘eu te ouvi / você me ouviu’	kí-pə ‘sobre nós (1+2)’
		i-pə ‘sobre ele/a’

As duas classes de verbos intransitivos marcam o seu argumento (S) com prefixos de duas séries diferentes. Nos verbos ativos (S_A), ocorre uma série muito semelhante à série A dos verbos transitivos; nos verbos estativos (S_O), encontra-se os mesmos prefixos da série O dos verbos transitivos.

Tabela 2
Comparação dos prefixos de pessoa em verbos transitivos e intransitivos

PESSOA	A	S _A	O	S _O
1	w(i)- / w(í)-	w(í)- / s- / t-	j(i)-	j(i)-
2	m(i)- / m(í)-	m(i)- / m(í)-	ə- / a- / o-	ə- / a- / o-
1+2	kít- / k(í)-	k(í)- / kít- / k(í)-	kí- / k(e>ə)-	kí- / k(e>ə)-
3	(n(i)- / n(í)-)	n(i)- / n(í)-	(n(i)- / n(í)-)	n(i)- / n(í)-

¹ Note-se que este prefixo **k-** é idêntico ao que marca 1+2O. Poder-se-ia analisá-lo como um prefixo que marca o envolvimento da primeira e da segunda pessoa, juntas (1+2O: “ele nos...”) ou não (1 → 2: “eu te...”, ou 2 → 1: “tu me...”).

(2)

S _A : tə ‘ir’	S _A : erama ‘voltar’	S _O : ereeta ‘descansar’
wi-tə-e ‘eu vou’	s-erama ‘eu voltei’	j-ereeta ‘eu descansei’
mi-tə-e ‘você vai’	m-erama ‘você voltou’	ə-ereeta ‘você desc.’
ki-tə-e ‘nós (1+2) vamos’	k-erama ‘nós (1+2) voltamos’	k-əreeta ‘nós (1+2) desc.’
ni-tə-n ‘ele/a vai’	n-erama ‘ele/a voltou’	n-ereeta ‘ele/a desc.’

2.2. Imperativos.

A forma imperativa de todos os verbos é marcada pelo sufixo **-kə**. Se o verbo é transitivo, um objeto de primeira pessoa é marcado pelo prefixo **ki-/k(e>ə)-**, enquanto que um objeto de terceira pessoa não é marcado.

(3) eta ‘ouvir O’	k-əta-kə	‘ouça-me!’
	eta-kə	‘ouça-o!’

Verbos ativos não tomam nenhum prefixo com o sufixo imperativo **-kə**. Em verbos estativos, contudo, **-kə** coocorre com o prefixo de segunda pessoa **ə-/a-/o-**.

(4) S _A : tə ‘ir’	erama ‘voltar’	S _O : ereeta ‘descansar’
tə-kə ‘vá!’	erama-kə ‘volte!’	ə-ereeta-kə ‘descanse!’

A despeito da diferença de forma, há um claro paralelismo estrutural entre O e S_O: ambos são representados por prefixos de pessoa na forma imperativa. A e S_A, por sua vez, não são marcados.

Tabela 3
Marcação de pessoa em formas imperativas.

Tipo de Verbo	A / S _A	O / S _O
Transitivo	NÃO-MARCADO	MARCADO (ki- / k(e>ə)-)
Ativo (S _A)	NÃO-MARCADO	(inexistente)
Estativo (S _O)	(inexistente)	MARCADO (ə- / a- / o-)

2.3. Formas nominalizadas.

Há, entre os vários sufixos nominalizadores do Tiriyó, dois (**-to** ‘nominalizador de circunstância’ e **-∅** ‘nominalizador geral de ação’) que podem ser usados para distinguir verbos S_O e S_A. As formas nominalizadas em questão tomam os prefixos da série O para marcar o possuidor. Se o verbo era transitivo, o possuidor da nominalização corresponderá ao O original.

Transitivos: V [A, O] → V_{CAUS} [A', CAUSEE (=A) ja, O]

eta 'ouvir O'

eta-po 'fazer CAUSEE ouvir O'

tuuka 'bater O'

tuuka-po 'fazer CAUSEE bater O'

Estativos: V [S_O] → V_{CAUS} [A, O (=S_O)]

ereta 'descansar'

ereta-nipi 'fazer O descansar'

jatu 'queimar'

jah-ka 'fazer O queimar, queimar O'

jemipami 'ter fome'

jemipan-nəpi 'fazer O ter fome'

Ativos: V [S_A] → V_{CAUS} [S_A (REFL), CAUSEE ja]

epi 'tomar banho'

epi-po 'fazer CAUSEE dar banho em S_A'

3. EXPLICAÇÕES SEMÂNTICAS PARA A INTRANSITIVIDADE CINDIDA

Os autores que preferem abordagens semânticas para sistemas ativo-estativos propõem um bom número de fatores capazes de predizer a classe à qual pertencerá uma dada raiz. Nesta seção, consideraremos a relevância desses fatores para o Tiriyo.

3.1. Atividades vs. Não-Atividades

Van Valin (1990), usando o quadro teórico da RRG (*Role and Reference Grammar*), propôs uma análise semântica para os verbos intransitivos do italiano e do georgiano, segundo a qual verbos intransitivos de atividade pertencem à classe S_A e verbos de não-atividade pertencem à classe S_O.

A RRG se baseia em uma teoria de representação semântica para predicados derivada da proposta de decomposição lexical (Dowty 1979), proveniente da classificação de Vendler (1967), a qual divide verbos em estados (*saber, ter, acreditar, gostar*), atividades (*correr, dançar, nadar, comer pizza*), *acomplishments* (*ensinar, matar*) e *achievements* (*aprender, morrer, perceber*). Aplicando-se aos verbos Tiriyo os testes que identificam ações, observamos que estes não pertencem unicamente à classe S_A.

Tabela 5
Verbos de atividade e não-atividade.

<i>Atividades</i>		<i>Não-Atividades</i>	
S _A	S _O	S _A	S _O
etainka 'run'	eremina 'cantar'	emoihka 'ter inveja'	akinta 'estar cansado'
tə 'ir'	emamina 'brincar'	əemuma 'ficar triste'	tati 'estar perdido'
əepi 'vir'	eerana 'rir'	epahka 'quebrar (intr.)'	ewatami 'tremor; desmaiar'
wa 'dançar'	wa 'dançar'	əempa 'aprender'	nyota 'casar-se com homem'
ətamorehtə 'sonhar'	arina 'crescer'	erowaka 'abrir (intr.)'	kepi 'parar, terminar'
əəniki 'dormir'	urakana 'passear'	epataka 'sair'	aumu 'levantar-se'
əeweti 'comer'	suhta 'urinar'	emoki 'afastar-se'	tunta 'chegar'

3.2. Agentividade.

A noção de agentividade é também considerada importante em RRG; uma classificação adicional de tipos de predicados é baseada nela (Foley & Van Valin 1984:40). Para o Acenês, Van Valin (1990:248) propõe agentividade como fator determinante. Mithun (1991), citando Foley & Van Valin 1984, considera “agente prototípico” aquele que desempenha, origina ou controla a situação descrita no predicado, enquanto que um paciente prototípico é afetado pela situação. Mithun mostra como certas línguas são mais sensíveis a aspectos específicos da agentividade: Lakhota, por exemplo, parece distinguir ‘desempenhadores’ de ‘não-desempenhadores’, independentemente do grau de controle, enquanto que Pomo Central prefere distinguir controladores de não-controladores, independentemente do seu grau de desempenho. Por isso, verbos que denotam desempenhos sem controle, como *soluçar*, *roncar*, *chorar*, *vomitar*, *bocejar* etc. são classificados de maneira diferente em Lakhota e em Pomo Central.

Os exemplos abaixo parecem indicar que agentividade (seja como desempenho-efeito-instigação, seja como controle-volicionalidade) não é um bom critério para identificar a que classe pertencerá um dado verbo intransitivo.

Tabela 6.

<i>Agentivo</i>				<i>Pacientivo</i>	
<i>Com Controle</i>		<i>Sem Controle</i>			
<i>S_A</i>	<i>S_O</i>	<i>S_A</i>	<i>S_O</i>	<i>S_A</i>	<i>S_O</i>
tə ‘ir’	emamina ‘brincar’	entapo ‘bocejar’	eerana ‘rir’	ei ‘CÓPULA’	jatu ‘estar
ka ‘dizer’	eremi ‘cantar’	əəsena ‘chorar’	ahpota ‘arrotar’	əəniki ‘dormir’	queimando’
epi ‘tomar banho’	potina ‘assoviar’	esaraka ‘deslizar’	wenahta ‘vomitar’	epahka ‘quebrar’	arina ‘crescer’
əturu ‘conversar’	tunta ‘chegar’	etohka ‘explodir’	wejahta ‘peidar’	emuririma	anihta ‘crescer’
eseka ‘pular’	suhta ‘urinar’	ətamorehtə	aeruta ‘fazer barulho’	‘enrugar’	akiki ‘endurecer’
əempa ‘aprender’	urakana ‘passear’	‘sonhar’	tətəpami ‘tremar’	əemuma	munta ‘sangrar’
erama ‘voltar’	emiti ‘mergulhar’	emoihka ‘ter	etahkepuruta	‘ficar triste’	jemipami ‘ter
əiwa ‘caçar’	aumu ‘levantar-se’	inveja’	‘babar’	ekiritihka	fome’
əmimi ‘enter’		emmaihka ‘cair,	tətəpami ‘tremar’	‘encolher’	iinəpami ‘ter
		tropeçar’	kirikiripami	epiima ‘envergo-	sede’
			‘tremar’	nhar-se’	anota ‘cair’

Van Valin (1990:252) prevê que verbos agentivos de atividade devem pertencer à classe *S_A* em todas as línguas. Em Tiriyo, contudo, verbos agentivos de atividade podem ser encontrados na classe *S_O*: **eremina** ‘cantar’, **emamina** ‘brincar’, **suhta** ‘urinar’, **urakana** ‘passear’

3.3. Animado vs. Não-Animado

Em seu estudo de oito línguas ativo-estativas, Merlan (1985) concluiu que a classe intransitiva mais “marcada” (não necessariamente a classe *S_A*) era composta quase exclusivamente por verbos cujos sujeitos eram obrigatoriamente animados. Em Tiriyo, contudo, verbos com sujeitos tipicamente animados ocorrem em ambas as classes. O mesmo pode ser dito de verbos com sujeitos tipicamente inanimados.

Tabela 7.

<i>Verbos com Argumento Animado</i>		<i>Verbos com Argumento Não-Animado</i>	
<i>S_A</i>	<i>S_O</i>	<i>S_A</i>	<i>S_O</i>
epi ‘tomar banho’	enta ‘acordar-se’	epahka ‘quebrar’	kahta ‘pingar’

əəsena ‘chorar’	eremina ‘cantar’	ekiritihka ‘encolher’	kamihta ‘produzir brasa (fogo)’
əempa ‘aprender’	emamina ‘brincar’	etohka ‘explodir’	amenta ‘mofar’
ekaika ‘çoçar-se’	eerana ‘rir’	ejika ‘escorrer’	karapami ‘fermentar’
epoka ‘despir-se’	jomita ‘falar’	ətapəma ‘espalhar-se (água)’	akuta ‘amolecer’
ətamorehtə ‘sonhar’	urakana ‘passear’	əentama ‘derramar (água)’	məməti ‘ferver’
eseka ‘pular’	enuta ‘remember’	eturuka ‘derramar (grãos)’	tina ‘bater (pulso)’
epataka ‘sair’	kəhtumu ‘shout’		

3.4. *Aktionsart e estatividade*

Mithun (1991:512-514) usa o aspecto lexical (ou *Aktionsart*) para explicar as duas classes de verbos intransitivos em Guaraní paraguaio coloquial: verbos S_A denotam eventos enquanto que verbos S_O designam estados, caracterizados por sua estabilidade temporal. Em Tiriyo, a maior parte dos predicados estativos é baseada não em verbos, mas em substantivos (**mono** ‘algo grande’, **kainan** ‘algo novo’) ou adjetivos/ advérbios (**kure** ‘bom’, ‘bonito’, ‘bem’, **kawə** ‘alto’, **pija** ‘pequeno’, ‘pouco’). Este critério, conseqüentemente, não é relevante no caso Tiriyo.

3.5. *Aspecto*

Mithun (1991) menciona o *aspecto gramatical* como fator adicional. Em Mohawk, por exemplo, verbos intransitivos no aspecto perfeito tomam marcadores de pessoa S_O, independentemente da classe à qual pertence. Ou seja, verbos S_A se conjugam como se fossem S_O no aspecto perfeito. Em Tiriyo, contudo, este fator não influencia a categorização das raízes intransitivas: os mesmos marcadores de pessoa ocorrem em todas as formas verbais finitas, como nos exemplos abaixo.

(8) əturu ‘falar, conversar’	kəhtumu ‘gritar’
m-əturu-jae ‘você está falando’	ə-kəhtun-jae ‘você está gritando’
m-əturu ‘você falou’ (recente)	ə-kəhtumu ‘você gritou’ (recente)
m-əturu-ne ‘você falou’ (remoto)	ə-kəhtun-ne ‘você gritou’ (remoto)
m-əturu-tae ‘você vai falar’ (futuro)	ə-kəhtun-tae ‘você vai gritar’ (futuro)

4. SINTAXE E MORFOLOGIA

Os autores que propõem abordagens sintáticas para sistemas ativo-estativos enfatizam a falta de coerência semântica das duas classes intransitivas, concluindo que é melhor ver “S_A” e “S_O” como tcomo características imprevisíveis de raízes verbais (p.ex. Rosen 1984). Tendo em vista os exemplos da seção anterior, poder-se-ia pensar que o Tiriyo exemplifica bastante bem essa situação de imprevisibilidade. Contudo...

Os leitores mais observadores terão certamente notado que a maioria absoluta dos verbos S_A começa com as vogais *e* e *ə*. Isso se deve à presença do morfema destransitivizador, o qual deriva verbos intransitivos (em geral, reflexivos) a partir de raízes transitivas, com os alomorfes *ə* (em raízes que começam por *e*), *əəs-* ~ *e-* (em raízes que começam por *j*; com

	(fazer A=O)		(adicionar novo agente A ₂)
pi	=====>	e-pi	=====>
A dar.banho O	=====>	A dar.banho A	=====>
			e-pi-po
			A ₂ fazer A dar.banho A

4. QUE SISTEMA É ESSE?

Em suma, no sistema intransitivo cindido do Tiriyo, a classe S_A é inteiramente formada por verbos destransitivizados; de fato, todo verbo destransitivizado recebe automaticamente todas as características morfossintáticas de um verbo S_A, descritas na Seção 2. Uma tal situação é bem diferente dos casos mais típicos de sistemas ativo-estativos (Mithun 1991). Parece ser mais simples não propor a existência de uma “subclasse S_A”: é possível afirmar-se que há apenas verbos transitivos destransitivizados (reflexivos derivados), com significados compatíveis com a evolução semântica de um morfema destransitivizador (reflexivo); veja-se Kemmer (1993) para a evolução de tais morfemas. Neste caso, não existiria em Tiriyo um sistema ativo-estativo: os verbos S_O seriam os únicos verbos realmente intransitivos da língua, a qual poderia ser classificada como morfologicamente ergativa (os verbos intransitivos tomam prefixos idênticos aos que marcam o objeto dos verbos transitivos).

Para defender a hipótese de um sistema ativo-estativo em Tiriyo, poder-se-iam citar os seguintes argumentos:

- (a) A existência de exceções. Há um pequeno número de verbos S_A não-destransitivizados: **tə** ‘ir’, **əepi** ‘vir’, **ka** ‘dizer’, **ei** ‘CÓPULA’, **əənik** ‘dormir’, **(p)ih̄tə** ‘descer’, **oeka ~ weka** ‘defecar’. Há, além disso, o verbo **wa** ‘dançar’, o qual pode ser conjugado tanto como S_A quanto como S_O, sem diferença semântica.
- (b) A existência de irregularidades semânticas. Em alguns casos, há uma diferença semântica bastante grande (e imprevisível) entre a raiz transitiva e a raiz destransitivizada equivalente: **(i)wa** ‘buscar, procurar por O’, **ə-iwa** ‘caçar’; **meneka** ‘escolher, selecionar O’, **əi-meneka** ‘espantar-se, surpreender-se’; **akaama** ‘repreender O’, **ət-akaama** ‘reclamar; recusar-se a cooperar’.
- (c) A imprevisibilidade do “argumento sobrevivente”. Mesmo nos casos semanticamente mais transparentes, observa-se que há casos em que o argumento que sobrevive no verbo destransitivizado corresponde ao A original (S_A = A: **ətamorehtə** ‘sonhar’ < **amorehtə** ‘sonhar com O’), ao O original (S_A = O: **epahka** ‘quebrar-se’ < **pahka** ‘quebrar O’), ou a ambos (S_A = A+O: **etuuka** ‘bater-se, bater em no outro’ < **tuuka** ‘bater em O’).

A idéia central dos argumentos acima é a de que não há uma relação perfeitamente transparente entre verbos S_A e verbos transitivos, o que tornaria problemática a análise segundo a qual os “S_A” são meramente verbos transitivos destransitivizados. De fato, após um momento de reflexão, percebe-se que tudo depende do *status* do morfema destransitivizador: se observarmos que ele já está lexicalizado em um número suficientemente grande de raízes intransitivas, estas poderiam ser vistas como o núcleo de uma “classe S_A” não mais simplesmente derivada de verbos transitivos. Neste caso, poder-se-ia argumentar que um sistema cindido verdadeiro teria passado a existir.

Contudo, o número de raízes lexicalizadas em Tiriyo, como em (b) acima, é relativamente pequeno. Mesmo as irregularidades semânticas em (c) não são inesperadas no desenvolvimento de morfemas reflexivizadores, os quais freqüentemente se tornam marcadores de voz média (Kemmer 1993). Os verbos em (a) podem ser considerados como genuínas exceções: note-se que se trata de raízes freqüentemente irregulares (‘dizer’, ‘ir’,

‘vir’, ‘ser’, etc.). Conclui-se que o sistema Tiriyo não deve ser caracterizado como um caso de “intransitividade cindida”. Embora ele possa eventualmente vir a sê-lo no futuro (caso o número de formas detransitivizadas lexicalizadas e com significado anômanlo aumente consideravelmente), no estágio atual, a situação existente é muito melhor descrita em termos da evolução diacrônica do morfema destransitivizador, a qual tem como consequência todos os parâmetros gramaticais descritos na Seção 2. A aparente “intransitividade cindida” é, então, acidental, um epifenômeno atrelado à evolução do destransitivizador, mas sem motivação semântica própria.¹

BIBLIOGRAFIA

- DELANCEY, SCOTT. 1981. An interpretation of split ergativity and related patterns. *Lg.* 57.626-57.
- DIXON, R. M. W. 1979. Ergativity. *Lg.* 55.37-138.
- DIXON, R. M. W. 1994. Ergativity. Cambridge: Cambridge University Press.
- DOWTY, DAVID. 1979. Word meaning and Montague grammar. Dordrecht: Reidel.
- FOLEY, WILLIAM A., & ROBERT D. VAN VALIN JR. 1984. Functional syntax and universal grammar. Cambridge: Cambridge University Press.
- GILDEA, SPIKE. 1998. *On reconstructing grammar: comparative Cariban morphosyntax*. Oxford Studies in Anthropological Linguistics, vol. 18. Oxford: Oxford University Press.
- GIVÓN, T. 1984. Syntax: a functional-typological introduction, vol. 1. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins publishing company.
- KEMMER, SUZANNE. 1993. The middle voice. *Typological Studies in Language*, vol. 23. Philadelphia: John Benjamins publishing company.
- KIBRIK, A. E. 1985. Toward a typology of ergativity. In: *Grammar inside and outside of the clause*, ed. by Johanna Nichols and Anthony C. Woodbury, 324-62. Cambridge: Cambridge University Press.
- KLIMOV, G. A. 1974. On the character of languages of active typology. *Linguistics* 131.11-25.
- MEIRA, SÉRGIO. 2000. The accidental intransitive split in the Cariban family. In: *Reconstructing grammar: comparative linguistics and grammaticalization*, ed. by Spike Gildea, 201-230. *Typological Studies in Language (TSL)*, vol. 43. Amsterdam, Philadelphia: John Benjamins Publishing Company.
- MERLAN, FRANCESCA. 1985. Split intransitivity: functional oppositions in intransitive inflection. In: *Grammar inside and outside of the clause*, ed. by Johanna Nichols and Anthony C. Woodbury, 324-62. Cambridge: Cambridge University Press.
- MITHUN, MARIANNE. 1991. Active/agentive case marking and its motivations. *Lg.* 67.510-46.
- PERLMUTTER, DAVID M. 1978. Impersonal passives and the unaccusative hypothesis. *Berkeley Linguistics Society* 4.157-89.
- ROSEN, CAROL. 1984. The interface between semantic roles and initial grammatical relations. In: *Studies in relational grammar 2*, ed. by David Perlmutter and Carol Rosen, 38-77. Chicago: University of Chicago Press.
- VAN VALIN, ROBERT D., JR. 1990. Semantic parameters of split intransitivity. *Lg.* 66.221-60.
- VENDLER, ZENO. 1967. *Philosophy in linguistics*. Ithaca: Cornell University Press.

¹ Seria interessante examinar, em outras línguas morfologicamente ergativas, o que acontece com verbos transitivos reflexivizados. É possível que haja outros casos em que verbos transitivos destransitivizados parecem formar uma classe S_A. É também possível que, em algumas das línguas antivo-estativas existentes, este sistema se tenha originado a partir da lexicalização de raízes transitivas destransitivizadas. Esta possível fonte diacrônica para sistemas ativo-estativos mereceria ser examinada em detalhe.